

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social - ASCOM

Destaque: Matérias que citam o ministro Fernando Coelho Filho ou o MME:

O Globo

Título: Horário de verão começa neste domingo em três regiões do país 2

Correio Braziliense

Título: Adiante o relógio à meia-noite 8

Sumário

VEÍCULO: O Globo.....	2
Título: Horário de verão começa neste domingo em três regiões do país	2
Título: Nota.....	2
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	3
Título: Horário de verão começa domingo com apoio da maioria	3
Título: Mudança de tributação desagrada mineradoras e municípios	4
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	6
Título: Entre amor e ódio, horário de verão começa	6
Título: Petros decide vender sua fatia na Eldorado	7
VEÍCULO: Correio Braziliense	8
Título: Adiante o relógio à meia-noite	8
Título: Hora da escuridão	10

VEÍCULO: O Globo**Seção: Economia****Autor: Manoel Ventura****Título: Horário de verão começa neste domingo em três regiões do país**

Sudeste, Sul e Centro-Oeste terão de adiantar relógios em uma hora.

Começa à zero hora deste domingo o horário de verão, quando os relógios têm de ser adiantados em uma hora nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste do país. O novo horário vai durar até a meia-noite do dia 17 de fevereiro de 2018. Criado com o objetivo de economizar energia, o governo chegou a considerar não instituir o horário de verão este ano.

Um estudo do Ministério de Minas e Energia (MME) e do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) apontou que o programa vem perdendo efetividade. Com mudanças no perfil de consumo, os horários de pico de uso da eletricidade passaram para o período da tarde, quando mais aparelhos de ar-condicionado estão ligados.

No entanto, prevaleceu o entendimento de que a medida já faz parte da cultura do brasileiro e incentiva o comércio e o turismo nas cidades. O MME informou que, atualmente, o horário de verão traz resultados "próximos da neutralidade" e a política será reavaliada para os próximos anos.

VEÍCULO: O Globo**Seção: Rio / colunas****Autor: Ancelmo Gois****Título: Nota**

Não tem política

Pedro Parente, presidente da Petrobras, nega haver pressão política do governo para voltar a fornecer gás à usina do grupo J&F, controlador da JBS, em Cuiabá. Para ele, o pedido do Comitê de Monitoramento do Setor Elétrico (CMSE) para a Petrobras fornecer combustível a usinas está seguindo o roteiro normal, como qualquer outra solicitação.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Seção:** Mercado**Autor:** Marina Estarque**Título:** Horário de verão começa domingo com apoio da maioria

A maioria dos brasileiros que moram no Sul, Sudeste e Centro-Oeste, onde o horário de verão é adotado e começa a valer à 0h deste domingo, considera a medida positiva, segundo recente pesquisa do Datafolha. Nessas regiões, 56% dos moradores são favoráveis à medida, enquanto 38% são contrários e, para 5%, a questão é indiferente. O Centro-Oeste é a única dessas regiões onde a maioria é contrária ao novo horário (52%).

O carioca Marcos Pinho, 24, professor de educação física, vê o horário de verão com bons olhos. "O dia rende mais", diz ele, que trabalha na praia. "O problema é que falta espaço na areia." Já a advogada mineira Rafaela Viana, 31, odeia. "Você fica com aquela ilusão de que vai poder aproveitar o dia depois do trabalho, mas, na verdade, tem todas as tarefas de sempre e acaba não fazendo nada", conta. Mario Lorusso Neto, 65, também acha que a mudança traz poucos benefícios. "Acordo muito cedo e ainda está escuro", diz o motorista, que mora em São Paulo.

O horário de verão de 2017 começa à meia-noite de domingo (15) e vai até 18 de fevereiro. O governo chegou a cogitar o fim da medida, mas optou por mantê-la pelo menos até neste ano. Segundo a pesquisa do Datafolha, as pessoas mais velhas têm uma resistência maior ao horário de verão. Aqueles entre 16 e 24 anos, apenas 21% são contra -a rejeição salta para 50% entre pessoas com mais de 60 anos.

A opinião varia ainda de acordo com o local de moradia. A aprovação é maior entre moradores de regiões metropolitanas: 58% consideram a medida positiva e 35%, negativa. No interior, 55% são favoráveis e 40%, contrários. A escolaridade e renda também afetam a posição dos entrevistados sobre o assunto. Entre os menos escolarizados, que cursaram apenas ensino fundamental, 43% não aprovam o horário de verão. A avaliação negativa cai para 35% entre pessoas mais escolarizadas, com ensino superior.

Os mais pobres, com renda familiar mensal de até dois salários mínimos, são os que mais tendem a ser contra o horário de verão (40%). Entre eles, 53% são a favor da medida e, 7%, indiferentes. Já entrevistados com renda familiar mensal de cinco a dez salários mínimos são os que mais aprovam a mudança de horário (65%). Apenas 32% deles são contra e, 3%, indiferentes.

A pesquisa Datafolha foi feita com 2.772 brasileiros de 16 anos ou mais, nos dias 27 e 28 de setembro. A margem de erro é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Seção: Mercado

Autor: Carolina Linhares

Título: Mudança de tributação desagrada mineradoras e municípios

As maiores mudanças em 23 anos no setor de mineração viraram motivo de reclamação –por motivos distintos– das maiores mineradoras do país e das cidades onde elas atuam.

O ponto mais polêmico das três medidas provisórias (MPs) editadas pelo governo federal em julho é o aumento na Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM), taxa paga pelas mineradoras pelo direito de explorar o solo.

A CFEM é calculada com base em uma alíquota que varia conforme o mineral e incidia, antes das alterações, sobre a receita líquida das mineradoras. Agora não se permite mais a dedução de custos de transporte e seguro, somente os de tributos devidos da comercialização.

"As minas não estão ao lado dos portos, então o aumento do custo de operação é exponencial. E as unidades mais afastadas serão mais oneradas, o que desincentiva a interiorização e descoberta de novas minas", afirma Fernando Scaff, especialista em direito tributário.

Para ele, a norma pode ser inconstitucional, pois aumenta o preço do minério vendido pela União em razão de fatores externos, que dizem respeito à logística de cada empresa. Ou seja, um mesmo bem terá preço diferente dependendo da sua localização, segundo Scaff.

A mudança de tributação também está na mira dos municípios mineradores, que recebem 65% da CFEM.

A Associação dos Municípios Mineradores de Minas Gerais (Amig) defende uma alíquota fixa de 4% para o minério de ferro. Com a MP, ela pode ir dos atuais 2% para até 4%, de acordo com a cotação internacional do produto.

"Na prática, vamos ficar entre 2% e 2,5%, já que o preço do minério não tem passado de US\$ 70 por tonelada", diz Roseane Seabra, advogada tributarista e consultora da Amig.

Seabra afirma que 4% ainda é uma alíquota competitiva, já que em outros países, como a Austrália, o valor chega a 7,5%. Scaff, por sua vez, argumenta que a carga tributária como um todo é maior no Brasil, "além da infraestrutura de ferrovias, por exemplo, ter que ser feita pelas próprias empresas".

"O chororô das mineradoras é desproporcional, é uma atividade lucrativa", diz Seabra. "Pregamos uma alíquota maior porque é uma atividade finita e que pode trazer dano ambiental irreparável."

A alíquota variável do minério de ferro incomoda também as mineradoras, pois aumenta a incerteza. O governo ainda não definiu o método para calcular a CFEM –se usará uma média mensal do preço do minério de ferro, que varia diariamente.

O cenário de insegurança trazido pelas novas regras ainda pode se ampliar: parlamentares sugeriram um total de 492 emendas às medidas provisórias, que precisam passar por votação no Congresso para se tornarem leis, embora já estejam em vigor.

A mudança na base de cálculo da CFEM está valendo desde 1º de agosto. Em novembro, mudam as alíquotas.

Nova mineração / Medida provisória altera regras

Principais mudanças

- > aumento das alíquotas da Cfem, valor pago a União pelas mineradoras
- > alíquota do minério de ferro varia de 2% a 4%, conforme cotação internacional
- > base de cálculo da Cfem não permite deduzir custos com transporte e seguro
- > criação da Agência Nacional de Mineração para fiscalizar e regular a atividade, substituindo o Departamento Nacional de Produção Mineral

O que querem as mineradoras

- > Deduzir gasto com transporte
- > Que mudanças passem a valer ano que vem

O que querem os municípios

- > Alíquota fixa de 4% para o minério de ferro; o que traria R\$ 45 milhões a mais por mês para 35 cidades juntas
- > Arrecadação seja usada para diversificar economia e para áreas como saúde e infraestrutura

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Seção: Metrópole****Autor: Júlia Marques****Título: Entre amor e ódio, horário de verão começa**

Tem até quem boicote medida. À meia-noite de hoje, relógio deverá ser adiantado em uma hora

Enquanto parte do Brasil ajusta os ponteiros para o horário de verão, Edemira Colodetti, de 70 anos, nem esquentar a cabeça. É que na casa da aposentada as horas não andam para frente ou para trás só por causa de uma decisão do governo brasileiro. "O horário de verão é inventado pelo homem. Eu sigo o horário de Deus, da natureza."

Desde que o horário de verão passou a ser adotado anualmente, em 1985, Edemira se rebelou contra a convenção e, na casa onde mora com o marido, Jandyr Bellon, de 77 anos, de janeiro a janeiro os relógios seguem o tique-taque normal.

Assim, viverão, a partir da meia-noite de hoje, com fuso de uma hora em relação a metade do Brasil, incluindo os vizinhos da pequena localidade de Aracê, de pouco mais de 7 mil habitantes, que pertence ao município de Domingos Martins, no sul do Espírito Santo.

"Nunca coloquei no horário de verão. Às vezes, as visitas vêm e falam: "Peraí, mas ainda é esse horário?" Aí eu já oriento que meu relógio está uma hora atrasado", diz ela. "E eles almoçam no horário da gente", conta Edemira, que ainda prepara a comida - os vegetais que ela mesma colhe no quintal - no antigo fogão à lenha.

A verdade é que, mesmo se ajustassem os ponteiros, Edemira e Jandyr ainda assim viveriam em outro tempo, que, de tão raro, os moradores das capitais têm até dificuldade de imaginar. Aposentado, Jandyr acorda às 3h30 e até as 10 horas já está almoçando. Janta às 16h30 da tarde e dorme com as galinhas.

Para Edemira, até os animais ficam confusos com as modernidades. "Antes, o galo só cantava às 2 horas. Agora, canta a qualquer hora, porque é muita lâmpada acesa", reclama ela, que, apesar de gostar da vida simples na roça, já se rendeu ao What-sApp e estica o dia para dormir só depois das 21 horas.

De opinião oposta, a administradora Carla Fazanelli é do time dos adoradores do horário de verão. "Gosto porque anoitece mais tarde, dá a impressão de que

o dia está mais comprido", diz ela, que criou uma página no Facebook sobre o assunto para dividir o amor que sente pela mudança anual.

O horário de verão começa à meia-noite de hoje. A população dos Estados do Sul, Sudeste e Centro-Oeste deverá adiantar os relógios em uma hora. A mudança segue até fevereiro.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Negócios

Autor: Mônica Scaramuzzo

Título: Petros decide vender sua fatia na Eldorado

Fundo de pensão da Petrobrás deve levantar cerca de R\$ 650 milhões; outros sócios minoritários também vão sair.

O fundo de pensão da Petrobrás (Petros) também decidiu vender sua participação na companhia de celulose Eldorado Brasil, da holding J&F, dos irmãos Batista, para a multinacional Paper Excellence. O conselho deliberativo do Petros aprovou, na quarta-feira, a venda da fatia de 24,75% no FIP Florestal, que corresponde a uma participação indireta de 8,53% no capital da Eldorado.

Na semana passada, o fundo de pensão dos funcionários da Caixa Econômica Federal (Funcef) já tinha se manifestado por exercer o direito de venda de sua fatia no negócio. Já a Petros tinha pedido mais prazo para avaliar se participaria ou não do direito de "tag along" (instrumento que permite que o acionista minoritário possa vender sua participação nas mesmas condições oferecidas ao controlador, no caso o grupo J&F).

Com a decisão de venda, os dois fundos de pensão, que têm a mesma participação na Eldorado, deixarão a companhia fundada pela família Batista, também dona da JBS. Em nota, a Petros informou que realizou um amplo processo de avaliação interna e externa do ativo e, por isso, solicitou à Paper Excellence extensão do prazo para responder ao exercício do direito de "tag along".

"Esse trabalho foi importante para balizar a decisão e identificar se as condições contratuais e o valor obtido com a venda estavam em linha com o investimento inicial no ativo, ajustado pela meta atuarial. Todo esse estudo foi submetido ao Comitê de Investimentos e ao Conselho Deliberativo da Petros", disse o presidente do fundo, Walter Mendes, em comunicado. Procurada, a J&F não comentou o assunto.

No total, a Petros investiu na empresa R\$ 272,25 milhões no FIP Florestal, em dois aportes entre 2009 e 2010. Esse valor ajustado ficaria em torno de R\$ 650 milhões. A Funcef também deverá receber o mesmo valor. A decisão de saída da Petros foi bem recebida na J&F, segundo fontes.

Venda. A intenção da Paper Excellence, que pertence à família indonésia Widjaja, dona da Asia Pulp & Paper, é deter 100% das ações. A empresa foi avaliada em R\$ 15 bilhões, incluindo dívida de R\$ 7,4 bilhões. No dia 25 de setembro, a J&F finalizou a venda da Eldorado para a Paper Excellence.

O negócio havia sido acertado no início do mês. Apesar da insegurança que a prisão dos dois irmãos trouxe, a Paper Excellence decidiu seguir com a operação. A multinacional fez o pagamento da primeira parcela ao grupo J&F – um depósito de R\$ 1 bilhão para garantir 13% do negócio.

A intenção é concluir a compra em 12 meses. Fontes a par do assunto afirmaram que a Paper Excellence já entrou em contato com dois bancos chineses interessados em montar uma estrutura financeira para bancar a aquisição. Outro acionista minoritário, o presidente da Eldorado, José Carlos Grubisich, também venderá sua participação de 1,96%. Grubisich anunciou ao mercado, no mês passado, que sairá da companhia até 28 de novembro.

O executivo Rodrigo Libaber é apontado como sucessor de Grubisich. Fontes próximas à companhia afirmaram, contudo, que a Paper Excellence deverá, depois de assumir o negócio, indicar um nome de confiança.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Seção: Economia

Autor:

Título: Adiante o relógio à meia-noite

Moradores das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul terão de adiantar o relógio a partir de meia-noite de hoje. Depois de muita polêmica, o governo decidiu manter o Horário de Verão, apesar da constatação de que a economia com a medida é mínima: R\$ 150 milhões em quatro meses. A medida desagradou muita gente, principalmente trabalhadores que moram longe do emprego. Para a maioria ouvida pelo Correio, o sono e a escuridão de manhã prejudicam a vida.

A copeira Maria Aparecida Ribeiro Sousa, 44 anos, é uma delas. Ela afirma que levanta muito cedo, cerca de 4h. Moradora de Planaltina, no DF, depende do transporte público para chegar no trabalho, no Plano Piloto. “A gente dorme, mas parece que, no dia seguinte, não se recupera. Dorme mal. Vai parecer que estou acordando de madrugada”, critica.

Além disso, a segurança pública é fator de preocupação para as pessoas que questionam a eficácia do Horário de Verão. O empregado de uma academia Daniel Silva Santo, 42, trocou o ônibus pela bicicleta por causa da criminalidade. Segundo ele, quando está escuro, está perigoso, e, na parada, as pessoas são “alvos fáceis”. “Por isso deveriam acabar com o Horário de Verão. Pode economizar energia, mas quem depende de transporte público fica desprotegido. A bandidagem aproveita para assaltar”, disse.

A enfermeira Laiane Sousa, 28, ao contrário, apoia a medida de economia de energia. Segundo ela, o sono e a escuridão são minimizados pela possibilidade de aproveitar o dia. “Eu posso chegar em casa e ainda estará claro. Isso deixa a sensação que o dia rende mais. Dá para fazer uma atividade física ou sair. É mais produtivo”, afirma. Ela diz, porém, que, como acorda cedo, vai precisar de uma semana para adaptação. “Depois, está resolvido”, brincou.

O horário especial é adotado, continuamente, desde 1985. O objetivo inicial, segundo o Ministério de Minas e Energia, foi conscientizar a população sobre o aproveitamento da luz natural, mas a economia para o setor diminui ano a ano. No Horário de Verão de 2013/2014, foram poupados R\$ 405 milhões, já no de 2014/2015, R\$ 278 milhões — 31% a menos. No de 2015/2016, evitou-se o desperdício de R\$ 162 milhões. No verão de 2016/2017, o governo poupou R\$ 159,5 milhões.

A expectativa é de uma economia de R\$ 150 milhões no deste ano. Maurício Tavares, coordenador do Curso de Engenharia Elétrica do IESB, afirma que cada vez mais o impacto é menor. O pico passou a ser no início da tarde, por volta das 15h. “É importante destacar que estamos num momento de escassez nos reservatórios, de bandeira vermelha dois, que se economiza pouco na quantidade e mais no valor”, alega. O fim do horário especial será no dia 18 de fevereiro de 2018.

Horário de Verão começa neste domingo e vai até 18 de fevereiro de 2018. Apesar de a medida garantir economia pequena de energia, especialistas lembram que, em tempo de bandeira vermelha, a poupança pode ser grande na conta de luz.

1 hora é quanto os brasileiros das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste devem adiantar os relógios.

R\$ 150 Milhões é a economia esperada para este ano com a medida.

VEÍCULO: Correio Braziliense**Seção:** Opinião**Autor:** Taís Braga**Título:** Hora da escuridão

Começa o horário de verão. Neste ano o governo admitiu que a economia de energia elétrica não é significativa. Acredito que as alterações que a medida provoca no cotidiano das pessoas devem ser ínfimas. Eu odeio essa modificação. Acho que quem acorda cedo, principalmente as crianças, sofre muito até que se adapte ao novo horário. Sem contar que é preciso acender a luz ao acordar.

E o que é pior: é uma transformação imposta, uma medida enfiada goela abaixo por burocratas que só querem resolver os problemas da forma mais fácil. Em tempos de redes sociais, é inadmissível que não se faça uma consulta para saber se a população concorda ou se está disposta a adotar diferentes hábitos para poupar energia. Por culpa de sucessivos governos, que não investiram em novos meios de geração e distribuição de energia, da falta de planejamento, a população é obrigada a pagar caro — e dobrado, porque se desgasta fisicamente — pela inércia dos responsáveis.

Há mais de 15 anos, segundo a Eletrobras, houve o pior apagão elétrico do Brasil. Várias medidas foram tomadas para a redução do consumo, além da adoção do novo horário. Até mesmo os horários de jogos de futebol foram trocados. Houve investimento em usinas termelétricas, já que as hidrelétricas necessitam de água — produto também escasso — para gerar energia, ajustes de equipamentos eletroeletrônicos, o fim das lâmpadas incandescentes para reduzir o consumo e a privatização de diversas empresas.

O que faltou, já que o problema persiste? A educação, a conscientização, a criação de uma cultura para evitar o desperdício e, principalmente, o incentivo. Não basta taxar a população. Um exemplo disso é o preço das novas lâmpadas, bem mais alto que o das antigas. Não seria o caso de o governo estimular a compra obrigando as indústrias a cobrarem preços mais baixos?

E por que não oferecer descontos para quem conseguir reduzir o consumo mensal em 30%, por exemplo? As contas de energia poderiam trazer dicas de como gastar menos. As novas escolas, construções públicas (ou privadas) deveriam aproveitar melhor a luz solar, tanto com ambientes mais abertos quanto com a geração de energia para o funcionamento.

O país está cheio de estudiosos, de grupos e pessoas com boas ideias. Basta ouvi-las e aproveitá-las em vez de impor hábitos que podem custar, no mínimo, a saúde da população.

MME / ASCOM .